As cartas de Primitivo Paes: A trajetória do poeta e o início de sua atuação política

Erivelto da Silva Reis¹

RESUMO: Este artigo reconstitui o início da trajetória política do poeta Primitivo Paes e destaca como a atuação e as preocupações sociais do cidadão repercutiram em sua poética. Suas primeiras atuações políticas no interior de São Paulo, os momentos marcantes na vida familiar, o assassinato de seu cunhado José Honorato Lemos, a viagem de Primitivo aos países da Europa e à China e União Soviética. Aqui reproduziremos duas cartas inéditas no acervo do poeta, que foram publicadas no jornal socialista Voz Operária, editado de 1949 a 1959. Há registro de fragmentos de obras publicadas sobre o poeta ou que o citam. São reproduzidos fragmentos de poemas do autor que se relacionam com os fatos narrados. Pretende-se, dessa forma, assinalar a veracidade das informações. Este trabalho apresenta, ainda, uma breve, comparação entre a trajetória de Primitivo e a de dois autores e militantes políticos no mesmo período: Patativa do Assaré, Francisco Julião.

PALVRAS-CHAVE: Cartas, Primitivo Paes, Poesia, História, Literatura.

“[...] Mas quando as cartas chegarem / Eu mesmo saberei ler / Segredos de meus parentes / Vizinho nenhum vai saber! / Daí, ninguém me segura, Brasil, / Estou com você!”

(“As Cartas”. Primitivo Paes, 2004, p.18-19.).

1 As cartas de Primitivo Paes: a trajetória do poeta e o início de sua atuação política

As primeiras letras, talvez surjam das experiências pessoais que os indivíduos desejem ou que se obriguem a registrá-las por escrito; talvez seja fruto de um modo muito particular de entender ou de ficcionalizar a vida. Mas a Literatura é o resultado de um mundo observado e criado para um mundo idealizado a ser construído.

Entende-se que, antes mesmo do conhecimento e da configuração lírica que caracterizaram sua arte, antes mesmo da composição da obra, Primitivo Paes construiu, com sua trajetória de vida, uma poética, um modo particular de ver e viver a vida, individual e coletivamente, evidenciada em sua luta, seja particular e pessoalmente, seja no *ethos* de seu discurso e de sua trajetória como cidadão.

Primitivo **Paes** da Silva, nascido no interior de Pernambuco a 28 de maio de 1928 e falecido a 19 de janeiro de 2013, no Rio de Janeiro. Era um homem de múltiplos talentos e composto por múltiplas facetas. Posteriormente, Primitivo **Paes** da Silva e, finalmente, Primitivo **Paes**, foi um cidadão brasileiro, um camponês, agricultor, operário, líder

¹ Erivelto da Silva Reis é prof. Me. em Literaturas das FIC/RJ, SEEDUC/RJ. Bolsista Capes/PIBID, Membro do Núcleo de Estudos da Linguagem Poeta Primitivo Paes e doutorando na Faculdade de Letras da UFRJ. eriveltoreis@yahoo.com.br

sindicalista, poeta, ator e declamador que construiu sua carreira pautando-se na discussão e no desejo de Liberdade, no lirismo da infância idealizada, na evocação da memória da terra natal.

Na carteira de identidade: “Primitivo Pais da Silva”; mas, em diversos momentos ao longo da vida, e em sua produção poética e artística: “Primitivo Paes”. No Oeste Paulista, em Santo Antônio, após sua chegada de Pernambuco, no fim dos anos em 1934, a partir de sua interação nas primeiras discussões de natureza sindical e política, nos anos 50, adota o codinome de “Jair”. Leia-se um fragmento da obra *Clandestino* (2012), de Edgar de Almeida Martins:

Nesta altura dos acontecimentos, eu estava em Presidente Prudente. Aconteceu a conferência regional da Sorocabana, onde foi eleita a direção regional: Jurandir Guimarães “Rubens” - secretário político, Ernani Franco de Souza “Ernesto”- secretário de agitação e propaganda, eu, Edgard “Nunes ou Cid” - secretário de organização. Outros membros: **Primitivo Paes da Silva “Jair”**, José Alves Portela – Agrícola, Jonatas Pedrosa “Jaime”, Marina Paes - encarregada feminina, “tio João” Roberto. Foi um tempo de avanço do partido nessa região e de crescimento no movimento de massas. Surgiram associações femininas em Presidente Prudente, Assis e Ourinhos. **[Grifo meu]**. (MARTINS, 2012, p.126).

Como demonstrarei no decorrer desse artigo, esse foi um período muito doloroso e traumático. Ao mesmo tempo em que suas qualidades: oratória, caráter, inteligência, carisma, a voz grave, algo metálica e imponente –, iam abrindo-lhe espaços de destaque, a tragédia marcava o futuro poeta.

Batizado com um nome incomum, que muitos que o conheceram supunham tratar-se de pseudônimo, na realidade, o pseudônimo do poeta era “Tavares Mir” (Partidário da paz), segundo ele mesmo dizia. Publicou no poema (PAES, 2004, p.48-49) “Despedida do século”: “Diga ao mundo inteiro / ‘Sou partidário da paz!’”.

Durante os muitos anos de convivência, solicitei ao poeta que relatasse suas atividades políticas com depoimentos em áudio e, posteriormente, em vídeo. Os pedidos dessa natureza sempre foram negados, mas dada a relação afetiva e a frequência com que sempre estávamos juntos, aqui e ali o poeta ia “derramando” um pouco de suas memórias sobre o processo que o colocou, algumas vezes, em pontos nevrálgicos da atuação política em momentos marcantes para o país. Em consonância com esses esporádicos “depoimentos”, associa-se, nesse artigo, material resgatado na Literatura e nos Jornais da época.

Em 30 de março de 1964, por exemplo, o poeta acabara de ser eleito (13/01/1963 a 13/01/1965) – na Carteirinha: “Primitivo P. da Silva”. Cargo de Secretário Geral. Carteira profissional número: 034xxx final 129. Assinada pelo presidente –, para a direção do Sindicato da Indústria de Café Leite e Derivados do Estado de São Paulo. Ou seja: aos 35 anos o poeta já era secretário geral de um dos mais importantes sindicatos do país: o Sindicato

das Indústrias de Café, Leite e Derivados do Estado de São Paulo, à Rua da Cantareira, nº 1.052. E o seu histórico de atuação política desde a década de 50 o configurava como “perigoso e subversivo”.

Este artigo reconstitui o início da trajetória política do poeta Primitivo Paes e destaca como a atuação e as preocupações sociais do cidadão repercutiram em sua poética. Suas primeiras atuações políticas no interior de São Paulo, os momentos marcantes na vida familiar, o assassinato de seu cunhado José Honorato Lemos, a viagem de Primitivo aos países da Europa e à China e à União Soviética.

Aqui reproduziremos duas cartas inéditas no acervo do poeta, que foram publicadas no jornal socialista Voz Operária, editado de 1949 a 1959. Há registro de fragmentos de obras publicadas sobre o poeta ou que o citam. São reproduzidos fragmentos de poemas do autor que se relacionam com os fatos narrados. Pretende-se, dessa forma, assinalar a veracidade das informações. Este trabalho apresenta, ainda, uma breve, comparação entre a trajetória de Primitivo e a de dois autores e militantes políticos no mesmo período: Patativa do Assaré, Francisco Julião.

Na obra de Primitivo, o tema da liberdade é percebido como recorrente em diferentes poemas e se relaciona com diferentes estágios de sua vida. Sua poesia é considerável e preponderantemente autobiográfica. Quando, não, o eu-lírico assume uma postura testemunhal. O que o poeta não viveu, ele travou conhecimento e esse material produziu a esteio, o substrato de sua obra poética.

Assim, percebe-se que a instância enunciativa do homem e do poeta está sobreposta pela lírica visão de um mundo livre, democrático e justo. É possível associar o criador (poeta) e a criatura (poesia): irmanados em busca da liberdade de sentimentos que o autor, perseguido militante político, árduo defensor da infância e da juventude, entusiasta da arte e da educação, busca revelar através de seu dom, ou de sua epifania literária instintiva e de sua sensibilidade aguçada; ou através dos efeitos sociais e emocionais que ele espera produzir com sua arte.

Verifica-se que Primitivo Paes tem um projeto para a sua obra. Seus poemas vão compondo um mosaico ideológico e artístico de sua, idealização lúdica do hiato de sua vida – o que ela poderia ter sido sem os eventos que o fizeram embrenhar-se ou que o arrastaram para a militância política –, as suas aspirações e sua percepção dos anseios de seus contemporâneos por liberdade.

As articulações políticas iniciais se organizaram em torno da emancipação do Município chamado Mirante do Paranapanema (antes, conhecido como Palmital, de colonização/ocupação japonesa – família Ocubo), e da organização dos primeiros sindicatos

ligados à colheita do algodão, este na localidade conhecida como Santo Anastácio, a 580 km de São Paulo, no Oeste Paulista. Leia-se a matéria extraída do Jornal Voz Operária / RJ, Ed. 162, de 1952, cujo título da matéria afirmava: “O terror getulista em Santo Anastácio”:

“O TERROR GETULISTA EM SANTO ANASTÁCIO” [...] Em Santo Anastácio [situada a 580 km da capital São Paulo] foi pior, centenas de arrendatários e pequenos sitiantes, depois de terem realizado muitas reuniões preparatórias nos bairros e córregos do distrito de Mirante do Paranapanema no dia 20 de abril [1952], no cinema local, fizeram a primeira assembleia de fundação do Sindicato dos Arrendatários e pequenos sitiantes de Santo Anastácio. A assembleia se realizou contra a vontade da polícia, que fechou o cinema e tentou impedi-la só recuando devido à disposição dos camponeses em não aceitar isso. [...] Dias depois, porém, desencadeou-se o terror em todo o município. Dezenas de casas foram invadidas, toda a Diretoria provisória foi presa ou intimada a comparecer à polícia. Dois membros do Sindicato, **Primitivo Pais** (sic) **da Silva** e José Honorato, estão com ordem de prisão preventiva decretada e vêm sendo caçados como feras. [...] **Na casa de Primitivo, a polícia disparou rajadas de tiros à sua porta. Tal foi a barbaridade que uma camponesa vizinha abortou, apavorada. [Grifo meu].** (VOZ OPERÁRIA, Edição número 162, de 28 de junho de 1952, p. 11. <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=154512&pagfis=1856&url=http://memoria.bn.br/docreader#>. Acessado em 23 de dezembro de 2016).

Segundo a matéria, em seus parágrafos iniciais, e na charge que a acompanhava, sob o título de “O farsante do Catete”, mostrando um Getúlio com “duas caras”, o contexto político construído pelo presidente Getúlio Vargas era de incentivo à formação de sindicatos rurais e omissão com relação à repressão política exercida pela força policial, frequentemente motivada por orientação de políticos e/ou latifundiários contrários à organização dos camponeses e trabalhadores rurais das fazendas de produção de algodão, na região do Oeste Paulista.

Em Santo Anastácio, o movimento sindical, originado segundo estrutura muito semelhante ao da formação das Ligas Camponesas do Nordeste brasileiro e que teve em José Honorato, marido de Marina Paes – cunhado de Primitivo um grande líder, não o único; mas que acabou, conforme a matéria denuncia, despertando a ira dos poderosos do lugar. Fato que culminaria com seu assassinato em 23 de fevereiro de 1953, em Ameliópolis, Presidente Prudente, São Paulo. Leia-se o artigo intitulado: “Um informe sobre José Honorato: vida e morte”, escrito por Firmino Gomes da Rocha, cunhado de José Honorato, em seu blog pessoal, “Turma do Firmino” a 29 de maio de 2010:

José Honorato Lemos nasceu em 1919, em Mar Vermelho, no Estado de Alagoas. [...] Aos 20 anos José veio para São Paulo. Trabalhou na lavoura do Sítio Cerejas no município de Marília. De 1942 a 1944 foi plantador de algodão na fazenda **Santa Amélia**, no município de Pompéia. A essa fazenda ele chegou sem nenhum dinheiro, só com a coragem: era um jovem de 22 anos... Ali arrendou 3 alqueires de mata virgem, derrubou o mato e plantou a primeira roça de algodão, milho e

mandioca. [...] Logo depois arrendou mais 8 alqueires de mata e plantou [...] algodão, milho, feijão e batata inglesa. [...] perdemos tudo: [...] José não se abateu, [...] e partiu para as margens do Rio do Peixe no município de Rancharia na alta Sorocabana. Lá [...] Arrendou 25 alqueires [...] derrubou tudo e a terceira roça estava formada. [...] em 1948 [...] ele já era casado, morando em um arraial construído por ele, bem no alto de uma região coberta de palmito, árvores e água corrente entre as rochas. Foi no meio dessa floresta que José Honorato, Raimundo Cearense e o amigo Hirako Ocubo abriram uma clareira e construíram a primeira casa da região em 1946. [...] um ano depois já era uma cidadezinha construída de madeira e com ruas de terra: [...] José Honorato se tornou um homem politizado e consciente, um político da esquerda progressista, mas não radical. [...] sonhava e lutava pela união dos camponeses e operários, [...] passou a viver na clandestinidade. [...] a polícia dobrou a vigilância numa perseguição implacável em todo o Estado de São Paulo. E assim foi até o desfecho final. [...] Em 23 de fevereiro de 1953, segundo os Jornais da época (“O Dia”, “Terra Livre” e “Notícias do Hoje” – todos de São Paulo), José se encontrava em Ameliópolis, [...] Nesse momento foi reconhecido por alguém... Percebendo isso tratou de ir embora. [...] continuou andando. Então percebeu que ao longe, bem distante e atrás, vinha um caminhão em disparada. Ele diminuiu a marcha. [...] Percebeu o caminhão parar, ouviu o matracar das armas e em seguida os disparos: eram de 10 a 12 policiais disparando ao mesmo tempo. [...] Só teve tempo de dizer: “sou um pai de família...”. [...] (BLOG TURMA DO FIRMINO, 29/5/2010. <http://turmadofirmino.blogspot.com.br/2010/05/um-informe-sobre-jose-honorato-vida-e.html>. Acessado em 23 de dezembro de 2016.).

Essa tragédia culminou com a vinda de Marina Paes para o subúrbio do Rio de Janeiro – bairro de Engenho de Dentro –, onde Primitivo, décadas mais tarde, irá encontrá-la. Leia-se a carta de Marina Paes ao Jornal Terra Livre, falando inclusive, sobre o assassinato de seu marido, ocorrido em 23 de fevereiro de 1953.:

“Viúva de José Honorato Lemos escreve sobre as creches” [...] [Rancharia, Estado de São Paulo] – Como são justas as creches! Sou filha de lavrador, vi como sofreram meu pai e minha mãe para criar a família. Precisavam trabalhar os dois e deixavam em casa as crianças. Eu e meus irmãos éramos todos pequeninos, nossa casa era um rancho coberto de sapê; de uma hora para outra corria o risco de pegar fogo. Minha mãe trabalhava longe de casa o dia inteiro pensando em nós. [...] Ao ler TERRA LIVRE encarei o debate sobre as creches e não pude me convencer de não escrever alguma coisa sobre o assunto. [...] **A minha infância foi triste e até hoje não parei de sofrer. Não soube o que eram creches nem escolas. E assim como eu vivi, no tempo de menina, vivem hoje milhões de crianças brasileiras. Eu hoje sou viúva. O Governo mandou assassinar o meu marido** porque lutava por creches para as crianças do Brasil. [...] As creches que o governo brasileiro dá às crianças é roubar-lhes o carinho paterno, como fez com meu marido José Honorato Lemos. Hoje em dia tenho os meus dois filhinhos e não tenho onde deixá-los. [...] Quanto seria bom se houvesse creches para eles [...] Assim eu poderia trabalhar sossegada. Por isso eu agradeço de coração aos srs. José e Antônio Eduardo e ao José Alves Portella, **Primitivo** e Sra. Elisa Branco, e peço a todos os leitores de TERRA LIVRE que escrevam sobre as creches e como vivem as crianças camponesas do Brasil. (a) Marina P. Lemos. (Seção “Cartas da Roça”). [Grifo meu]. (LEMONS, Marina Paes. HEMEROTECA LUTA PELA TERRA – Jornal Terra Livre /SP – Segunda quinzena de agosto de 1954, p.02. Disponível em: <http://docvirt.no-ip.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=hemerolt&pagfis=4937>. Acessado em 23 de dezembro de 2016.)

Pelas colocações de Marina Paes, é possível perceber o cenário em que realmente ocorrera parte da infância do poeta. É possível observar em diversos poemas de Primitivo Paes, escritos muitos anos mais tarde, ecos desse período de lutas, terror e medo. Leiam-se alguns trechos selecionados de poemas de Primitivo Paes:

Duas versões para o poema “Minha Cidade”:

[...] Gosto muito de você, cidadezinha, / Seu progresso, seu passado, seu presente. / Esse povo corajoso, nordestino, / E os japoneses vindos do Oriente / Fizeram dessas matas, capoeiras / Fizeram do palmital nosso tema / Construindo com orgulho essa cidade / o meu Mirante, do meu Paranapanema. (PAES, 2004, p.15).

Cidade calma tranquila e pacata. / Funcionando com muita eficiência, / Com seus bancos, hospitais e prefeitura / Beneficiando o povo adjacente. / Eu conheci o Mirante: Era uma vila, / Hoje é cidade, o progresso é seu tema, / Eu envelheci, e tenho saudades / Do Mirante, do meu Paranapanema! (Versão original do poema “Minha Cidade” – PAES, Primitivo).

A visão, transfigurada em poesia, do momento do assassinato de seu cunhado, no poema “O mendigo”:

[...] Eu conheço gente no luxo, / Que são verdadeiros bichos / [...] Não sei se é desamor, / Cai o suor da minha frente, / A longa curva da estrada / Perdida no horizonte... / Sigo a luta pela vida, / Errante, assim tão sofrida / Eu sou o Cristo da estrada, / À espera da cruz erguida. (PAES, 2004, p. 26).

A ditadura militar, no poema “Anistia”:

[...] Quanta dor, um coração / Suporta e pode sentir, / Como um soluço abafado, / Vendo um filho seu partir! / [...] É como se fosse um muro / Que a lembrança traz de volta, / Cheios de cacos de vidros, / Cortantes pontiagudos / Que, mesmo sendo no sonho, / A gente ainda se corta!... (PAES, 2004, p. 58).

No que concerne à relação entre militância política e produção literária, a trajetória pessoal de Primitivo Paes se assemelha, em determinados aspectos, à de nomes importantes, tanto na poesia quanto na atuação política no Brasil dos anos 1950, como o poeta Antônio Gonçalves / Patativa do Assaré (Ceará, Serra de Santana 1909-2002) – engajado nas questões sociais a partir da morte de sua filha Ana por desnutrição –, e o líder camponês/escritor Francisco Julião (Pernambuco, Boa Esperança 1915-1999). Os três autores, Patativa do Assaré, Francisco Julião e Primitivo Paes são marcados porque transitarem entre a militância política e a escrita a partir de experiências individuais e sociais traumatizantes.

Patativa do Assaré, devido à morte por desnutrição de sua filha Ana (ocorrida em 1932), tornada célebre no poema “A morte de Nanã” (2003) e à cegueira parcial, provocada pelo sarampo e pelas agruras da vida de lavrador. A partir da morte de sua filha, o cantador popular, cordelista passa a dedicar grande espaço em suas obras à discussão das desigualdades e das violências praticadas contra os camponeses, a retratar o sofrimento e a dor do nordestino, pela seca, pela fome, pelo descaso e o êxodo rural em decorrência da luta por

sobrevivência. Embora o poeta jamais tenha sido preso, fora “acompanhado” bem de perto pelos representantes da força política dominante desde os anos 1950. Leia-se um trecho do poema “A morte de Nanã”, de Patativa do Assaré (2003):

Vendo que não tinha inverno, / O meu patrão, um tirano, / Sem temê Deus nem o inferno, / Me deixou no desengano, / Sem nada mais me arranjar. / Teve que se alimentá, / Minha querida Nanã, / No mais penoso maltrato, / Comendo caça do mato / E goma de mucunã. [...] // Foi arregalando pra mim / Os tristes oinho seu, / Fez um esforço ai, ai, ai, / E disse: “abença papai!” / Fechou os ói e morreu. [...] (ASSARÉ apud. FEITOSA, 2003, p.132).

No caso de Patativa, a militância política não era formalizada, mas era reconhecida na força popular e libertária advinda da compreensão de sua poética e da difusão e repercussão de seus versos entre os trabalhadores mais pobres e os camponeses e por encontrar ecos e ressonância entre artistas e intelectuais, desde então.

Francisco Julião Arruda de Paula. A transição entre a literatura e a militância (na verdade, uma mescla), ocorreu devido à prisão, tortura e exilamento político, a partir de 1964. O advogado que desde a década de 40 já discutia a exploração dos camponeses nordestinos.

Em 1954, por intermediação de Luís Carlos Prestes e do PCB, ajuda a fundar a Ultab (União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil). Em 1955, já deputado federal, passou a representar os trabalhadores do Engenho Galiléia, em Vitória de Santo Antão. A partir da Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco (SAPPP). Esse grupo daria origem às Ligas Camponesas.

Leia-se um trecho do poema em cordel (cartilha) intitulado “Bença, Mãe” (2009), aqui citado a partir da dissertação de mestrado intitulada: “A cartilha do camponês, o documento ‘Bença, mãe!’ e sua recepção pela Liga Camponesa do Engenho Galiléia (2015), de Reginaldo José da Silva para o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, sob orientação do Professor doutor André Gustavo Ferreira da Silva:

[...] 2 – A Liga é a mãe do Sindicato. Foi de suas entranhas que nasceu esse filho. Por isso, ela tem que cuidar dele, e ele, dela, como a mãe cuida do filho e o filho cuida da mãe. Têm que andar juntos. Sofrer juntos. Vencer juntos. A mãe que abandona o filho é desnaturada. E o filho que deixa a mãe é ingrato. Por isso, a Liga quer estar sempre perto do Sindicato. Para ensinar a ver o bom caminho. Para aconselhar quando ele estiver errado. [...] E o Sindicato, para mostrar que é bom filho, tem que lhe estender a mão todo santo dia, e dizer para ela: “Bença Mãe!” E escutá-la com atenção. [...]

Francisco Julião, efetivamente, não fez da poesia um veículo de militância política, pela própria força de sua articulação como advogado e orador. Produziu, no entanto, cartilhas, cordéis que proporcionaram a circulação de suas ideias nos meios mais populares.

Alguns textos nem chegaram a ser escritos ou publicados no Brasil, mas do México, onde se exilara, mimetizaram e registraram ideias e a influência da cultura e da linguagem popular dos cordéis e da população mais simples do Nordeste, como camponeses e trabalhadores.

O poeta Primitivo Paes, inicia-se na militância política e só depois de sua aposentadoria, nos anos 80, é que migra para a poesia. A morte de seu cunhado, a perseguição política nos anos 60 e 70 e a violência da tortura física e psicológica fizeram com que o autor encontrasse na poesia – anos depois de seu tormento – um terreno fértil, uma forma de “exorcizar a vida” (como ele mesmo afirmava), para a expressão de suas ideias e do lirismo que sempre ocupou espaço no “eu” do poeta, mas que as circunstâncias políticas adiaram e feriram, mas que não fizeram sucumbir.

Este artigo pretende apresentar duas cartas escritas pelo camponês/poeta na década de 1950, antes mesmo de sua ida à Europa Oriental, aos jornais Terra Livre e Voz Operária, órgãos “clandestinos” da imprensa de então, ligados originalmente aos trabalhadores e às ideias socialistas. Leia-se um fragmento da obra *Além das Torres do Kremlin: do Brasil à China* (1958), do jornalista Flávio Costa:

Os estudantes nos cercavam, puxavam para dançar, tirar fotografias ou apenas conversar – uma conversa que na verdade não era possível, não podia ser possível: quem entendia aquela estranha, todavia sonora língua eslava? **Primitivo, (Primitivo Silva**, um simpático e divertidíssimo lavrador paulista que nos acompanhava), que desde Varsóvia vinha se revelando um quase mago da mímica, tentou entabolar (sic) uma palestra com um operário, misturando algumas palavras polonesas à sua gesticulação expressiva. Porém, muito pouco conseguiu saber. Só mais tarde, quando se “aclimatasse” à nova língua, poderia ele realmente “conversar” com os russos, tão eficiente e misteriosamente como já o havia feito na Polônia, pois na verdade não conhecia outro idioma além do português. . [**Grifo meu**]. (COSTA, 1958, p.172.).

A seguir, reproduzo matéria intitulada “Jovens de todos os campos confraternizarão em Viena”, publicada no Jornal Voz Operária, edição 286, de 06/11/1954, p. 10, sobre a viagem à Europa Oriental:

JOVENS DE TODOS OS CAMPOS CONFRATERNIZARÃO EM VIENA [...]
“Inúmeros encontros, assembleias e reuniões em todos os continentes precederam o Encontro Internacional da Juventude Rural” [...] Em dezembro próximo, Viena assistirá a um espetáculo certamente inédito. [...] ali reunidos, [...], jovens camponeses vindos de todas as partes do mundo para o Encontro Internacional da Juventude Rural. [...] Meses depois reunia-se na Dinamarca o Comitê Internacional preparatório, do qual fazia parte um brasileiro: **Primitivo Paes da Silva**. [...] Foi marcada a data e o local do encontro: Viena, 09 de dezembro de 1954. [...] [**Grifo meu**]. (VOZ OPERÁRIA, Edição número 286. Publicada em 06/11/1954, p. 10 <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=154512&pagfis=3278&url=http://memoria.bn.br/docreader#>. Acessado em 23 de dezembro de 2016).

Ainda sobre a viagem à Europa, leia-se, ainda, um fragmento do livro *Clandestino* (2002), de Edgar de Almeida Martins:

“O primeiro regional saído da conferência funcionou e se destacou pelas lutas e movimento de massas que realizou”. [...] Foram enviados delegados à “Conferência Mundial de Trabalhadores Agrícolas e Florestais”, realizada na Europa, dentre eles José Alves Portela, lavrador, representando os trabalhadores organizados. Também foi enviado um delegado ao Festival Mundial da Juventude o camponês de Mirante de Paranapanema, **Primitivo Paes da Silva**, cunhado de Honorato, que foi assassinado pelas costas por lutar ao lado dos camponeses pobres da região de Mirante e Santo Anastácio. Honorato foi uma das vítimas entre tantas do latifúndio, da desigualdade social, da propriedade da terra e da luta por ela. **[Grifo meu]**. (MARTINS, 2002, p.116).

A primeira carta de Primitivo Paes foi publicada no jornal *Voz Operária*, 05 de março de 1953, edição número 208, página 04, em 09 de maio de 1953, a propósito da morte de Stálin (05/3/1953) surpreende pela percepção de um camponês do alcance da importância do líder soviético. E pela construção metaforicamente poética do título. Segue na íntegra:

“Seu nome está nos lábios de todos” – Primitivo Paes Silva [...] Como simples camponês, vivo sob a exploração do regime semi-feudal, morando em casebre de pau a pique como milhões de outros camponeses brasileiros e choro a ausência do generalíssimo Stálin. O camponês brasileiro e todos aqueles que vegetam pelo caminho da vida, que vendem a força de seus braços para não morrer de fome, viam no camarada Stálin, o farol que nos iluminava no caminho da libertação nacional. [...] Stálin morreu, mas o seu nome está vivo nos lábios de todos aqueles que desejam um Brasil livre e independente do jugo imperialista norte-americano. Stálin nos disse que a guerra será evitada se os povos lutarem pela paz até o fim e suas palavras foram aprovadas por todos os homens e mulheres do mundo inteiro inclusive, por nós camponeses que jamais deixaremos que nossos entes queridos embarquem para o sumidouro da Coreia. [...] Muitas mães camponesas ao assinarem o apelo por um Pacto de Paz choraram, derramando lágrimas, ao lembrarem os horrores da guerra. Daí o povo brasileiro colocar em primeiro lugar as palavras de Prestes de que a Paz é nossa tarefa central e decisiva, cujo porta-bandeira foi Stálin, o campeão da Paz, nosso pai e mestre, guia genial do povo soviético e do proletariado do mundo inteiro. [...] Lutando pela Paz expressamos todo nosso sentimento ao extremoso e saudoso camarada Stálin e saudamos a camarada Maleakov em cujas mãos experimentadas se encontra a bandeira da Paz e da fraternidade entre os povos. (PAES, Primitivo. VOZ OPERÁRIA, Edição 208. 09 de maio de 1953, p.04 Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=154512&pagfis=1856&url=http://memoria.bn.br/docreader#>>).

E a segunda carta, aborda a questão da expansão ferroviária promovida por norte-americanos no Oeste Paulista, na qual Primitivo Paes aponta o que seriam as reais motivações para o investimento estrangeiro. Segundo ele, muito diferenciadas daquelas alegadas oficialmente. Esta carta intitulada “Os americanos constroem mais um ramal na Sorocabana...”, foi publicada na edição número 266 do *Jornal Voz Operária* em 19 de junho de 1954:

“OS AMERICANOS CONSTROEM MAIS UM RAMAL NA SOROCABANA...” [...] Por Primitivo Pais (sic) da Silva – Rancharia, **[cerca de 590 km da capital São Paulo]** São Paulo [...] Mais uma vez eu digo: “como é justo o projeto de Programa do P.C.B., instrumento de luta travada pela independência do Brasil do jugo imperialista norte-americano.” [...] O programa diz que os americanos estão infiltrados em todos os poros da vida política, econômica e social de nosso país. Vejamos mais um fato que comprova essa verdade. [...] Em São Paulo, entre Regente Feijó e Presidente Prudente, está sendo construído um ramal da Estrada de Ferro Sorocabana, que vai até Mato Grosso. [...] Será que esta pressa em fazer o ramal é para facilitar o transporte coletivo? Ou será que se trata do interesse em transportar gêneros alimentícios para baixar o custo de vida? Será que os americanos estão fazendo isto para ajudar o progresso do Brasil? [...] Não, absolutamente não se trata de nada disso. Então, quem sabe, será por que (sic), em Miranda (sic) [Mirante] do Paranapanema, os imperialistas instalaram três “máquinas” de algodão: Anderson Clayton, Sanbra [Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro], Mac Faden? [usinas de beneficiamento de algodão que foram erguidas em tempo recorde e que prosperaram em Mirante do Paranapanema a partir de 1953. Concebidas a partir da iniciativa do imigrante fazendeiro japonês Takeo Okubo, fizeram com que a região do Oeste Paulista fosse conhecida como capital do “Ouro Branco”] Pois trata-se de uma região riquíssima, produtora de algodão. Mas esse algodão é produzido para o nosso progresso? Também não, pois o algodão está nas mãos dos americanos e lhes dá lucros fabulosos. [...] A estrada férrea em construção acelerada vai em direção ao manganês de urucum, em Mato Grosso. [...] Junto a esta um documento que prova que os americanos já calcularam que existem 33 milhões de toneladas de manganês em Urucum e 15 milhões de toneladas no Amapá. Este documento foi enviado pelo consulado americano de São Paulo para o Serviço de Alto-Falantes de Rancharia. É um artigo do nojento (sic) americano Al Neto. [...] os americanos roubam nosso manganês, os americanos tomam conta da Sorocabana e constroem um ramal em ritmo acelerado para carregar o furto para suas fábricas de guerra, [...] Eis o que diz esse escriba repugnante (sic): “Nós poderemos ganhar bons dólares vendendo o nosso manganês aos norte-americanos.” [...] Como esse estrangeiro tem coragem de falar como se fosse brasileiro, como se fosse um dos nossos. [...] Sim, os americanos estão infiltrados em todos os poros da vida nacional. Estão com as garras nas jazidas de minérios, mandam nas estradas de ferro, controlam o governo que facilita tudo e os noticiários dos serviços de alto-falantes – do rádio, dos jornais também, – está claro é feito diretamente pelos americanos. É demais. É preciso limpar a nossa casa. [...] (PAES, Primitivo. VOZ OPERÁRIA, edição número 266, publicado em 06 de novembro de 1954, p.04. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=154512&pagfis=1856&url=http://memoria.bn.br/docreader#>. Acessado em 23 de dezembro de 2016).

Antes de tornar-se o artista lírico, popular e marcante; que idealizou e construiu uma poética da liberdade com a ressignificação da infância, da terra natal, da luta social pelos menos favorecidos, Primitivo Paes foi marcado pela militância política, desde o início de sua trajetória pessoal, pela luta democrática e pela força de seus ideais. É necessário agradecer à família do poeta - às filhas: Adriana e Joelma, aos genros e netos de Primitivo; Marina Paes (irmã do poeta); aos organizadores das Hemerotecas Terra Livre e Voz Operária e ao Sr. Thaelman M. C. de Almeida. E acima de tudo, prestar homenagens a Primitivo Paes por sua impecável trajetória como cidadão brasileiro, político, artista e poeta.

2 CRONOLOGIA DA VIDA E DA OBRA DO POETA

- **1928** (1931) – Nasce em 28 de maio de 1928, na Cidade de Cupira (localizada a 167 km a oeste de Recife). Filho de José Pais da Silva (filho de imigrantes holandeses) e Maria Florentina da Silva (descendente da tribo dos Pankararus); teve oito irmãos.
- **1934** – Muda-se com sua família para o interior de São Paulo. Vão trabalhar nas terras de imigrantes japoneses;
- **1940** – Ganha sua certidão de nascimento (o pai se confunde diante do tabelião e coloca, como data de nascimento, o mesmo ano que o da irmã mais nova, Marina Paes, apenas com um dia de diferença);
- **1941** – Começa a trabalhar efetivamente na colheita de algodão, na cidade de Presidente Prudente. Neste trabalho permanecerá até 1955;
- **1950-1952** – Inicia sua atuação política trabalhando na campanha pela fundação da Cidade de Mirante do Paranapanema, ao lado de imigrantes japoneses. Inspirados pela estrutura das Ligas Camponesas de Pernambuco e pelo desejo de Reforma Agrária.
- **1953** – Por motivos de segurança, utiliza o codinome de “Jair”. Seu cunhado João (codinome “Roberto”) é assassinado.
- **1954** – É convidado a integrar o grupo de brasileiros que viajariam à Europa Oriental e aos Países do bloco socialista nos I Jogos da Paz (I Congresso Internacional da Juventude Socialista, em Moscou). Ameaçado de ser preso se comparecesse ao local de embarque, em Santos, não embarca nessa aventura.
- **1955** – Mais uma vez é convidado. Dessa vez, viaja para o Rio de Janeiro, financiado por um fazendeiro que gosta daquele jovem expansivo e bem articulado, e consegue embarcar. Conhece boa parte da Europa, Polônia, União Soviética e China. Nessa comitiva estão o jornalista Flávio Moreira, o poeta Solano Trindade e o ator paulista José Serber.
- **1956** – Eleito na associação que integra a Comissão de defesa do algodão no Oeste paulista.
- **1958** – É publicado em Salvador, na Bahia, o livro *Além das Torres do Kremlin: do Brasil à China*, do jornalista Flávio Moreira. Primitivo Paes é um dos personagens principais da obra que conta as aventuras da comitiva no II Encontro Internacional da Juventude Socialista;
- **1960** – Após a volta da viagem, começa a trabalhar na indústria, em São Paulo. Um operário de gestos contidos, pontualidade, articulado e interativo. Começa a se destacar e a ganhar espaços dentro da empresa de torrefação na qual trabalhava.
- **1963** – Eleito para dirigir o Sindicato da categoria como Secretário Geral do Sindicato das Indústrias de Café, Leite e Derivados do Estado de São Paulo. É cassado politicamente.
- **1965** – Passa a viver na clandestinidade. Atua em subempregos em diversas indústrias. Sempre em funções aquém de sua capacidade intelectual.
- **1965** – Temendo por sua vida, viaja para o Paraná. Fixa-se na cidade de Umuarama. Trabalha como gerente de um hotel pousada.

- **1966** – Casa-se, aos 37 anos, na cidade de Medianeira, no Paraná. Onde nascerá sua primeira filha, Joelma.
- **1967-1968** – De volta a São Paulo, a convite de seus irmãos, nasce sua segunda filha, Adriana. O Ato Institucional número 05 é decretado alguns meses depois.
- **1969** – Trabalha como soldador, sem registro em carteira, na Viação Cometa.
- **1970** – Fabrica com restos de material da oficina o seu primeiro Carro de Boi, marca que viria a integrar e a caracterizar, muitos anos depois, um dos aspectos de sua lírica poética: a trajetória do sertanejo.
- **1974** – É preso. Interrogado. Torturado. Baleado na perna direita. Depois de um mês preso, apresenta-se ao juiz, sob a promessa de abandonar e negar em juízo a vida e a atuação política;
- **1979** – Após ter sua casa cercada por agentes da OBAN, Organização Bandeirante, responsável pela investigação, prisão e interrogatório de pessoas consideradas prejudiciais às diretrizes do regime político ou subversivas, Primitivo Paes abandona tudo e vem com sua família, esposa e filhas, para a Zona Norte do Rio de Janeiro, a convite de sua irmã, Marina Paes, que ali se fixara, após o assassinato de seu marido;
- **1980** – Após passar por Méier, Madureira, Todos os Santos e Engenho de Dentro, Primitivo Paes conhece o município de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense e o bairro de Campo Grande, especificamente, a localidade conhecida como Rio da Prata, onde decide fixar residência.
- **1981** – Trabalha como auxiliar de serviços gerais, segurança de patrimônio e vigia noturno na loja Magal, em Campo Grande/RJ. Vai trabalhar como porteiro e fiscal de entregas para a empresa Irmãos Araújo e CIA;
- **1982** – Por falar muito bem e por ter muita iniciativa, é convidado a trabalhar no condomínio de mansões dos proprietários da empresa e, encerrando suas atividades, no escritório central da empresa. Atua na fundação da Associação de Moradores do bairro Jardim Álvaro Campelo, no Rio de Prata de Campo Grande.
- **1983-1985** – Começa a escrever poesias. Divorcia-se;
- **1986** – Aposentado como anistiado político. É citado no discurso do Ministro da Justiça Almir Pazzianoto;
- **1987** – Sofre um descolamento sanfonado de retina, conhecido como “véu de noiva”. Perde a visão do olho direito. O último livro que lê sem a ajuda de uma lupa é “Encontro Marcado”, de Fernando Sabino.
- **1997** – Inicia sua formação como ator; faz aulas no Teatro Arthur Azevedo, em Campo Grande/RJ;
- **1998** – Conhece Erivelto Reis, de quem viria a se tornar amigo, até o final da vida;
- **1999** – Começa a frequentar os primeiros eventos, como poeta e declamador destacado. Diz os poemas de cabeça e declama de uma maneira bem diferenciada. Sua bela voz e a sua postura de ator impressionam a todos;
- **2001** – Forma-se como ator no Teatro Laboratório. Começa a frequentar eventos em escolas. Irá somar mais de 1000 apresentações em teatros, praças, saraus, programas de rádio e grupos de poesia em todo o Estado do Rio de Janeiro.

- **2002** – Apresenta-se na programação oficial da Prefeitura do Rio de Janeiro nas comemorações em homenagem ao Centenário de Carlos Drummond de Andrade. Lança o CD independente “São Poemas”, com o qual divulga sua poesia;
- **2003** – Começa a trabalhar na publicação do seu primeiro e único livro publicado em vida. Seus textos abordam a infância, a vida simples do homem brasileiro no interior e na periferia das cidades, o próprio fazer poético e a morte pressentida durante a ditadura ou a valorização da vida. A agenda de apresentações fica permanentemente lotada;
- **2004** – No dia 08 de maio de 2004, no Auditório FEUC, lança seu primeiro livro. “Livro de Poemas”; No palco, por sugestão do notável e saudoso poeta Nilton Silva, um carro de boi de verdade, carregado de rosas vermelhas, as preferidas de Primitivo;
- **2003-2005** – Escreve prefácios, orelhas e apresentações de livros de seus colegas poetas; Recebe moções, diplomas e homenagens em dezenas de escolas e instituições;
- **2005** – Recebe a Medalha de Honra ao Mérito da Associação dos Taifeiros da Armada da Marinha do Brasil, por indicação do poeta Roberto Sobral;
- **2006** – Destaca-se no maior encontro de poetas na Lona Cultural de Campo Grande/RJ;
- **2007** – Começa a participar ativamente da Semana de Letras e dos eventos promovidos pela FEUC; participa do lançamento do livro “Somos” de Erivelto Reis;
- **2007-2011** – Tem poemas publicados em revistas, em antologias. É jurado de um festival nacional de poesia com final na Academia Brasileira de Letras;
- **2007** – Ganha o troféu de melhor declamador da Prefeitura do Rio de Janeiro;
- **2009** – Seu poema “As Cartas” é escolhido para ser declamado na formatura da primeira turma do turno da manhã do Curso de Letras das FIC/RJ;
- **2011** – Figura como uma das personalidades do Rio de Janeiro no livro da Escritora Nancília Pereira;
- **2011** – Grava o CD para o projeto P.A.A. (Produção de Acervo de Áudio das FIC/RJ). Nesse audiolivro grava poemas inéditos e fala de sua relação com a FEUC;
- **2012** – Finaliza a escolha de textos para o seu segundo livro: *Prosoemas*. Apresenta um espetáculo em homenagem a Patativa do Assaré e as poesias do seu novo livro na XXI Semana de Letras da FEUC.
- **2013** – Falece a 19 de janeiro. É enterrado no Jardim da Saudade de Paciência, Rio de Janeiro, no dia 20/01/2013. Teve três netos: Thiago e Diego (filhos de Joelma e Cândido Antunes) e Derick (filho de Adriana e Anderson Moraes). Deixou um legado de amor à Arte, à Poesia, à Educação e em favor da Igualdade e da Liberdade.
- **2013** – A 13 de maio de 2013, após consulta, proposta pelos professores Dr^a. Arlene da Fonseca Figueira e Erivelto da Silva Reis nas Faculdades Integradas Campo-Grandenses (FIC/RJ) é inaugurada a Sala Poeta Primitivo Paes e o Núcleo é rebatizado sob o nome de Núcleo de Estudos da Linguagem Poeta Primitivo Paes.
- **2014** – Lançado o CD “No Caminho das Letras”, produzido pelo subprojeto PIBID/FIC P.A.A. das FIC/RJ, com o apoio da CAPES/CNPQ, dentro do Programa PIBID, no qual há poemas em áudio gravados por alunos e alunas da educação pública do Rio de Janeiro, na Escola Municipal Euclides da Cunha, e um registro original de voz do autor.

Referências bibliográficas

ASSARÉ, Patativa. “A morte de Nanã”. In.: FEITOSA, Luiz Tadeu. **Patativa do Assaré: a trajetória de um canto**. São Paulo: Escrituras, 2003.

LEMOS, Marina Paes. (1954). “Viúva de José Honorato Lemos escreve sobre as creches”. TERRA LIVRE. São Paulo. 1954-1964. Hemeroteca Luta pela Terra. Segunda quinzena de agosto de 1954, nº 45. Disponível em: <http://docvirt.no-ip.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=hemerolt&pagfis=4937>. Acessado em 23 de dezembro de 2016.

MARTINS, Edgard de Almeida. **Clandestino: memórias políticas de Edgard de Almeida Martins**. São Paulo: edição do autor, 2012.

MOREIRA, Flávio. **Além das Torres do Kremlin: do Brasil à China**. Salvador, BH: Ed. Progresso, 1958.

PAES, Primitivo. **Livro de Poemas**. Rio de Janeiro: Edição do autor, 2004.

_____. (1954). “Os americanos constroem mais um ramal na Sorocabana...”. In.: *Voz Operária*. São Paulo / Rio de Janeiro. Edição nº: 266. 19 de junho de 1954, p.04. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=154512&pagfis=1856&url=http://memoria.bn.br/docreader#>. Acessado em 23 de dezembro de 2016.

_____.(1953). “Seu nome está nos lábios de todos”. In.: *Voz Operária*. São Paulo / Rio de Janeiro. Edição nº: 208, p. 04. 09 de maio de 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=154512&pagfis=1856&url=http://memoria.bn.br/docreader#>. Acessado em 23 de dezembro de 2016.

SÃO POEMAS. Blog do Poeta Primitivo Paes. Organizado por REIS, Erivelto. (Org.). Disponível em: <http://poetaprimitivopaes.blogspot.com.br/>. Acessado em 23 de dezembro de 2016.

SILVA, Reginaldo José da. “A cartilha do camponês, o documento ‘Bença, mãe!’ e sua recepção pela Liga Camponesa do Engenho Galiléia”. 2015. 219 fls. Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 29/10/2015. Disponível em Repositório Institucional da UFPE: <http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17203>. Acessado em 01 de janeiro de 2017.

TURMA DO FIRMINO. “Um informe sobre José Honorato: vida e morte”. Blog pessoal de Firmino Gomes Rocha. Organizado pelo próprio autor. Disponível em: <http://turmadofirmino.blogspot.com.br/2010/05/um-informe-sobre-jose-honorato-vida-e.html>. Acessado em 23 de dezembro de 2016.

VOZ OPERÁRIA. “Jovens de todos os campos confraternizarão em Viena: inúmeros encontros, assembleias e reuniões em todos os continentes precederam o Encontro Internacional da Juventude Rural”. Edição número 286. 06 de novembro de 1954, p. 10. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=154512&pagfis=3278&url=http://memoria.bn.br/docreader#>. Acessado em 23 de dezembro de 2016.